



Jornal A Tribuna, de Santos (SP)

Quarta-feira, 24 de Junho de 2009

Marcas que ficam para sempre

Da Redação

Os excessos a que Fernanda (nome fictício), desde os 12, ou a menina flagrada na boleia de um caminhão no Porto de Santos vêm se expondo ao fazer programas não vão passar impunemente. Elas e tantas outras garotas que sofrem anos e anos constantes abusos físicos, sexuais e emocionais, sentirão, uma hora ou outra, esses reflexos.

São marcas fortes, sejam no corpo ou na mente, que dificilmente conseguem ser tiradas sozinhas. O primeiro ponto é A precocidade da sexualidade. Coordenador do Núcleo de Psiquiatra Forense do Instituto de Psiquiatra do Hospital das Clínicas (HC) de São Paulo, o psiquiatra Antônio de Pádua Serafim explica que não é o fato de uma jovem estar pronta do ponto de vista fisiológico - por já ter ficado menstruada - a garantia de poder manter relações sexuais.

"O desenvolvimento biológico vem antes do emocional". Não bastasse isso, os órgãos genitais estão evoluindo a partir da menarca (a primeira menstruação). "Útero, ovários e trompas podem sofrer lesões que causar, inclusive, a infertilidade".

Professora da Universidade Católica de Santos (UniSantos) e autora do livro Da Rua Para Cidadania, Maria Izabel Calil lembra que essas adolescentes ainda estão sujeitas ao desenvolvimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gravidez precoce e alterações hormonais. "A atividade sexual antes da hora vai comprometer esse desenvolvimento dos hormônios".

EM PEDAÇOS

Se na parte física os danos são muitos, no lado emocional, não é diferente. A cabeça dessa jovem se perde em um mundo de confusões e angústias.

"Existe uma imensa dificuldade de estabelecer vínculos de afeto", afirma Maria Izabel, ressaltando que, na cabeça dessa vítima, o carinho está atrelado ao sexo.

Como esclarece Serafim, a desconstrução desses laços torna praticamente impossível para ela estabelecer vínculos de confiança. "É como se todas as aproximações tivessem a ver com exploração e uso. A partir disso, essa jovem passa a ter uma atitude apática em relação à vida". E carrega isso para todo lugar



que for. "Se tiver filhos, por exemplo, pode passar essa indiferença e essa dificuldade de demonstrar afeto".

Apesar de não acreditar em milagres, a psicóloga Maria Inês Rondello, coordenadora do Programa Cuidar, do Projeto Pixote do Departamento de Psiquiatria da Unifesp, que atende vítimas do abuso e da exploração sexual, não acredita que seja impossível fazer tal resgate.

"Ela não está condenada e seu destino não está traçado e pronto, como muita gente acredita. A maioria desses jovens, porque há meninos e meninas, têm um passado de abuso dentro da própria casa e ele não conhece outra linguagem, senão a erótica".

Quanto antes houver a intervenção, mais chance a adolescente tem de escapar. "Difícilmente ela consegue aquilo sozinha, não existe milagre. Precisa sempre de ajuda para aprender a voltar a sonhar porque seus projetos de vida não existem", reforça Maria Inês.

E essa ajuda a que se refere a psicóloga da Unifesp tem que ser feita de forma multidisciplinar. "Assistentes sociais, psicólogos, médicos, família entre outros profissionais devem dar condições para que ela mude seu modelo", ressalta Antônio de Pádua Serafim, do HC.

LAÇOS

Maria Izabel avalia que a reconstrução dessa identidade com a ajuda profissional traz novas possibilidades para que haja sua inserção na sociedade. "O enlaçamento a essa vítima deve ser completo. Ela deve começar a trabalhar, retornar ou começar na escola para que tenha opções. Mas essa estratégia é difícil porque competimos com o dinheiro que ela ganha facilmente que, infelizmente, não reconhece como sendo um malefício para o seu presente e para o seu futuro".

Thaís Lyra